

Janelas da psicanálise: transmissão, clínica, paternidade, mitos, arte.

Fernando Rocha, 2019

São Paulo: Editora Blucher. 336 pp.

Aurea Lowenkron¹

Janelas da psicanálise: transmissão, clínica, paternidade, mitos e arte, o novo livro de Fernando Rocha, nos brinda com um panorama representativo de seus principais temas de interesse no campo da psicanálise, revisitando produções que se incluem entre as mais significativas de seu percurso. É a partir dele que fala o autor, ao apresentar o livro: “Reúno aqui artigos variados, escritos ao longo de minha já longa experiência psicanalítica, em diferentes épocas, tanto na França como no Brasil” (Rocha, p. 23).

Trata-se de uma coletânea na qual os temas abordados são múltiplos, todos relevantes, densos em conteúdo, sem que dessa densidade advenham prejuízos ao estilo claro, harmonioso e agradável da escrita. Nas principais linhas temáticas podemos identificar, possivelmente, as questões fundamentais do autor, no sentido de Piera Aulagnier (1989) – aquelas que representam, para cada analista, suas interrogações mais instigantes e, conseqüentemente, ocupam um papel nuclear em suas produções.

Em suas “Palavras introdutórias”, o autor esclarece que os textos selecionados para compor a obra foram originalmente dirigidos a alunos de psicologia ou de psicanálise, evidenciando a importância conferida à transmissão da psicanálise ao longo de sua trajetória. Favorecem esse propósito o cuidado



1. Psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

observado na escrita, a precisão dos conceitos e a clareza da argumentação, características que fazem a leitura particularmente agradável.

O conjunto de textos foi organizado e ordenado de forma a constituir quatro *Janelas*, categoria que, como formula Joel Birman em seu imprescindível Prefácio, bem representa a perspectiva a partir da qual Fernando Rocha observa, teoriza e se move no campo da psicanálise, contemplando a pluridimensionalidade e a interdisciplinaridade em que ela se inscreve. As *Janelas* constituem todos significativos que se abrem para as principais áreas de interesse do autor: Transmissão, Clínica, Paternidade, Mitos, Psicanálise e Arte. Não só no interior de cada uma delas, mas também nas diferentes Janelas que se debruçam sobre outras temáticas, os tópicos desenvolvidos guardam entre si parentescos íntimos que se revelam por convergências e reforços mútuos, expressando uma relação interna rica e significativa que transpassa toda a obra.

Para abrir a Janela 1, “Psicanálise e Transmissão”, o autor escolheu o artigo “Emancipação *versus* Adaptação: perspectivas na formação analítica”. Nele, são trabalhados os sentidos do termo “formação”, que pode remeter tanto à atividade de modelar quanto à de educar. Para pensar esta questão, o autor referencia-se a Hanna Arendt e a Theodor Adorno. De Arendt, vale-se para sustentar que uma dimensão essencial do formador é a de efetuar a mediação entre o passado e o futuro. De Adorno, que situa a emancipação como fundamento de todo o processo de Educação, procedem os fundamentos da contraposição a práticas educacionais baseadas em metas de adaptação. É na afirmação da perspectiva de emancipação do sujeito que vai se alicerçar toda a reflexão sobre o processo de formação.

O conceito de emancipação, meta da educação e do processo analítico, robustece a idéia de a análise pessoal constituir o eixo norteador da formação analítica. É primordialmente no processo de análise pessoal, com sua riqueza em auto-interrogações na investigação sobre os próprios desejos e projetos, que podem se dar as condições mais favoráveis à emancipação, embora em acidentes transferenciais também possa introduzir-se o risco de adaptação. Também a supervisão e o ensino teórico, atividades que visam promover emancipação, ao mesmo tempo portam um risco de suscitar a alienação a um saber-poder totalizante, quando figuras ou grupos idealizados na instituição, à semelhança de membros de seitas religiosas, representam-se como portadores da verdade, guardiões da única “psicanálise verdadeira”.

Na Janela 2, o autor debruça-se mais extensa e detalhadamente sobre temas relacionados à clínica. Seguindo rigorosamente a concepção freudiana de

que cura e investigação são indissociáveis na psicanálise, Fernando Rocha pensa a clínica em função da singularidade dos analisados e a técnica em função de condições da clínica, como exigência de trabalho psíquico feita ao analista, exigência esta que é particularmente desafiadora no manejo de casos fora do campo das neuroses. As vinhetas ilustram a combinação de observância do método psicanalítico com maleabilidade criteriosa das intervenções em casos nos quais adaptações da técnica se impõem em decorrência da estrutura ou da organização psíquica dos sujeitos. Nessas situações, Fernando Rocha autoriza-se, como analista, a se valer de recursos que, embora não se encontrem indexados nos manuais de técnica, se mostram capazes de operar como facilitadores do encontro e do prosseguimento do processo analítico. Sendo a transferência a condição que inaugura e sustenta o encontro analítico e seu o manejo uma difícil tarefa que o analista toma a seu encargo, é possível reconhecer a qualidade do trabalho de um analista através da sua capacidade de se valer de saídas criativas para, em situações difíceis, restabelecer o laço transferencial indispensável à condução do tratamento.

Na Janela 3, “Psicanálise: paternidade e mitos”, a referência a lendas e mitos (Edipo, Pai da horda), que tão bem traduzem os desejos inconscientes, opera como facilitador para discorrer sobre temas fundamentais como sexualidade, Édipo, articulação dos conceitos de falo, desejo, lei e castração. Tais conceitos servem como fundamentos para pensar psicanaliticamente as modificações dos papéis conjugais, parentais e dos processos de subjetivação na atualidade. Como nos outros capítulos, neste a inclusão de vinhetas e situações clínicas confere uma vivacidade particular aos textos.

Na Janela 4, “Psicanálise e arte”, em um artigo intitulado “Esculpindo o inaudito”, que parte de reflexões sobre a possibilidade de traduzir em formas visíveis a essência da música, são incluídas vinhetas clínicas para ilustrar a relevância do elemento acústico (do objeto-voz, nos casos apresentados) como fator fundamental na produção da atividade associativa, capaz de provocar efeitos no curso do movimento desejante, evidenciáveis na transferência e nas escolhas amorosas dos sujeitos. Além da psicanálise, Fernando Rocha também transita, como fontes indispensáveis de referência, pela literatura em prosa e verso, filosofia, história... e pela música. A propósito, o texto que fecha o livro é ‘Ensaio psicanalítico sobre o ciúme: o ciúme na música popular brasileira’. Talvez seja este o ensaio no qual a liberdade do autor se torna mais evidente, em seu transitar desprendido da música para a teoria psicanalítica e, no recurso a conceitos psicanalíticos, no deslocar-se com muita espontaneidade e fluência entre diferentes correntes teóricas.

Se escrever responde a uma necessidade pessoal de elaborar vivências, publicar os escritos é entregar-se ao mundo. Portanto, um gesto de generosidade. Fernando Rocha nos oferece este livro precioso no qual as *Janelas* emolduram cenários representativos do pensamento e da experiência clínica de um analista que, sendo permeável a outras correntes teóricas, mantém-se rigorosamente freudiano no espírito, na atenção à especificidade do método e à indispensável implicação do psicanalista com o mundo e o tempo em que vive.

Trata-se de um livro de grande valia para os que se iniciam no campo da psicanálise e também para os que exercem há tempos a profissão impossível de psicanalista, tendo em vista que esse exercício implica abertura à reinterrogação de convicções enraizadas que, quando enrijecem, operam como resistências à consideração do novo e do imprevisto, ao que provém de outras vozes, de outros lugares.

Referências

Aulagnier, P. (1989). *O aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro: do discurso identificante ao discurso delirante*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta. (Original publicado em 1984 por Press Universitaires de France).

Recebido: 23/07/19

Aceito: 31/07/19

Aurea Maria Lowenkron
Rua Decio Vilares, 22/502 – Copacabana
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22041-040
(21) 2255-7002 – 2547-1014
aurealowenkron@uol.com.br